

MARIA VALÉRIA REZENDE

Carta à rainha louca

ALFAGUARA


Sumário

[Epígrafe](#)

[Parte 1 – 1789](#)

[Parte 2 – 1790](#)

[Parte 3 – 1791](#)

Parte 4 – 1792

Sobre a autora

Créditos

*Já não era uma menina com seu livro, era
uma mulher com seu amante.*

Clarice Lispector

PARTE 1

1789

Senhora,

Perdoai, Vossa Majestade Fidelíssima, a esta mulher — enlouquecida pelas penas do amor ingrato e de grandes vilanias cometidas por aqueles que se creem mais poderosos do que Vós mesma — por vir-Vos interromper, com o relato de seus sofrimentos de mínimo relevo, em Vossas orações e em Vossos atos régios tão urgentes para Vosso Reino e para aquele de Deus.

Por louca e desobediente encarceraram-me neste Recolhimento da Conceição, no alto das colinas desta cidade de Olinda, famosa por sua beleza e pelo fausto ostentado em outras eras, quando branco e doce era o ouro destas terras. Bela cidade que a mim, porém, não delicia, pois quase só a vejo retalhada pelas grades da única e estreita janela desta cela de não mais que uma braça quadrada.

Há já longo tempo me trouxeram para cá, com o fim de aguardar alguma nau de carreira que me levasse a Lisboa, para ser julgada pelas Cortes por um crime que me foi assacado, mas aqui me esqueceram. É para que me recordem que agora Vos escrevo, Senhora, pois que em Vós se juntam duas cousas que de raro se podem reunir: o serdes rainha de cetro e coroa, capaz de ordenar e fazer o bom e o justo, acima de todos e quaisquer súditos, de qualquer sexo, que habitem as Vossas terras, e o serdes mulher, capaz de saber o que sofre outra mulher que clama por justiça.

Há mais de dois anos vêm e vão as Vossas frotas e não me levam. Já neste ano da graça de mil e setecentos e oitenta e nove, por aqui passou Saudade, também passou Flor do Mar e Santa Helena e Madalena e Rosa

e todas as santas, nobres ou plebeias, que vogam no mar oceano. Vinham de África, pejudas de negros destinados a matar a fome das Vossas minas que os devoram sem demora. Passados poucos meses, pude vê-las na linha do horizonte, voltando para o Reino sem aqui aportar, abarrotadas de ouro, por certo, sem me levar.

Muito tenho hesitado em escrever-Vos, pois bem sei que mesquinhos são os infortúnios que Vos hei de relatar se comparados àqueles trabalhos que, desde Vossa régia infância, certamente tendes passado, que Rainha sois, mas nem por isso sois menos mulher, e sofrer e chorar é o quinhão de todas as filhas de Eva, não obstante sua condição neste mundo, ~~porque em todas as condições, aqui nestas colônias, em África, nas Índias, na China ou no Reino, no paço real ou na mais pobre aldeia do Vosso Império, estão submetidas às leis dos homens que muito mais duras são para as fêmeas e só para elas se cumprem, pois todos os seus pais e irmãos e maridos e filhos e varões quaisquer, clérigos ou seculares, só as querem para delas servirem se e para dominá-las como aos animais brutos se faz, blasfemando vergonhosamente ao emprestar-lhe a Deus Nosso Senhor tão cruel desígnio.~~ Perdoai-me a rasura, Senhora, que se me ia a pena correndo sem peias pelo papel. Corria a pena levada por inconvenientes palavras que teimam em escapar do sítio onde trato de tê-las bem atadas no meu espírito — já que delas não me posso livrar — para que não me venham a fugir pela boca e dar razão a quem por louca me toma.

Ao fim de alguns meses nesta cela encerrada — donde só me deixavam sair para as orações na capela e para servir na cozinha —, numa noite na qual brilhava a lua e não me vinha o sono, como sempre me acontece, e fico então a mirar a estreita faixa de oceano que me permite a exígua janela — com saudades de uma vastidão que não conheço, mas minha alma deseja tanto! —, vi claramente passarem velas brancas bem próximas deste outeiro, os navegantes poderiam ouvir-me se eu chamasse, pensei. Esperancei-me, gritei com todas as forças, sem que,

porém, me ouvissem os marinheiros, e por muitos dias desatinei e bradei com dor e fúria. Ouviram-me, sim, as outras que vivem entre as paredes deste ergástulo, de modo que me disseram lunática e, por castigo de meus gritos e convulsões, me trancaram na cela, tomando-me por histérica ou mesmo possessa de um demônio, razão pela qual me mandavam algumas vezes aspergir com água benta e rezos em latim por anos, que mais os alongavam cada vez que a conjunção dos astros e as dores da alma e do corpo desencadeavam meu desespero e meus gritos. ~~Mas eu, por mim, digo que mais loucas e enganadas pelo Maligno são elas que se deixam prender, maltratar e tosar como ovelhas, caladas, que a tudo se submetem. Mais loucas ainda estão as que deviam ser as mais dignas, aquelas que têm a autoridade neste Recolhimento, fazem-se chamar Madres pelas demais e deveriam protegê-las, conhecer seu lugar e pelejar pela verdade, mas fingem júbilo quando aqui aparecem os lobos vorazes que se apresentam como seus benfeitores e, sem lutar, deixam esvaír-se a vida como se muitas vidas tivessem. Loucas, tolas, sim, são as que jamais gritam.~~

Peço-Vos benevolência para com esta que Vos escreve uma carta assim desordenada, na qual muitas rasuras haverá, que delas não me poderei furtar por andarem-me as ideias à roda, de tal modo que eu mesma por vezes me suspeito insana. Como poderia eu, de outro modo, conceber as estranhezas que penso e jamais ouvi pronunciar por outrem?

Proseguirei nas folhas rasuradas não por desrespeitosa para com Vossa Majestade, mas por pobre e humilhada que vivo, mulher, destituída de bens, dada por douda e sem contar com varão que me assegure alguma proteção. Meu pai, Deus o levou há muitos anos, outros do meu mesmo sangue nunca conheci, jamais vieram a estas terras; Gregório, o velho negro que devotadamente me auxiliava e protegia, não como escravo mas sim livre e grato a meu pai que jamais pensou em escravizá-lo e como seu irmão o tinha, levaram-no agrilhado e certamente em suplícios o mataram; o bastardo Diogo Lourenço de Távora, que me comoveu com

o relato de suas desditas e um dia jurou amar-me apenas para colher a flor da minha inocência, quem sabe por onde andará, a colher e a desfolhar outras donzelas. Assim vivo destituída de tudo, senão de meus pensamentos e palavras ditas a mim mesma e a Deus, de minha honra, minha fé e duas cuias de papa de milho a cada dia, ordenadas ao Recolhimento pelo oficial do Reino que aqui me encerrou. ~~Porque nestas colônias que se dizem Vossas, mas são mais do Demônio do que Vossas, é assim que se vive quando não se tem rendas, tratados os cristãos pobres como se fossem menos do que os animais de trabalho.~~

Já não me restam senão farrapos da ganga que cobria minha enxerga de palha, único bem que me permitiram trazer comigo, e ando mal coberta de andrajos e vergonha. Só não vivo inteiramente desnuda, como uma bugra, porque de mim se apiedou uma das escravas desta casa — as únicas aqui que são certamente santas tanto por sua bondade quanto porque desde antes de seu nascimento têm sofrido como sofreu Nosso Senhor Jesus Cristo e são d’Ele a mais perfeita imitação, como já o dizia o sábio e afamado pregador Padre António Vieira, que, quiçá por essas comparações, tenha passado vários anos processado, preso e castigado pelo Santo Ofício, como ouvi contarem na Bahia —, deu-me uma bata de ralo madrasto, das que tecem elas mesmas para se vestirem, e fabricou para meus pobres pés uns grosseiros tamancos de madeira que muito me têm servido desde então.

Não cuideis que exagero, Majestade, pois é a pura verdade o que Vos digo. Esse é o destino das mulheres que, não sendo cativas por lei, talvez cheguem a viver em maior penúria e abandono do que as mulheres escravizadas e vendidas a bom preço nos mercados, porque a estas proveem os senhores de um mínimo para que não se lhes perca o cabedal, como não se deixa perder por nada uma mula ou um jumento, pois uma única negra jovem o bastante e de boa saúde para parir outros cativos ou bastardos para seu dono chega a valer muito mais do que um rebanho de dezenas de reses. Já as mulheres brancas que nada possuem,

tal qual sou eu, que não servem para o trabalho nos canaviais e nas minas nem para parir crias cativas para seus senhores, sem dote para casar-se nem para tornar-se monjas nos mosteiros ou em simples recolhimentos desta terra, não estando destinadas a dar-se em matrimônio como penhor de alguma aliança, não se podendo tampouco vendê-las ou não se querendo comprá-las, nada valem, ainda menos se algum homem as desonrar à força, cousa tão fácil de acontecer nesta terra sem lei onde eles tudo podem. Ninguém gastará com elas seus bens nem se importará com a sua decência e não terão com que cobrir-se, a menos que tenham a desvergonha e os dotes de corpo para oferecerem-se como rameiras no fundo das bodegas e estabelecerem-se em bordéis. ~~E de nada lhes adianta queixarem-se aos oficiais do Reino, nem ao bispo ou aos frades, porque no mínimo lhes farão ouvidos moucos, e, se calhar, antes as preferirão despidas para nelas satisfazer sua luxúria do que vestidas e guardadas na inocência.~~

Não creiais, Senhora, que assim são as cousas apenas para as mulheres de baixa condição, como eu, filha de um labrego de terras pobres de Vosso Reino que, esfalfado de lavrar inutilmente um chão de pedras, meteu-se na marinhagem. Sempre foi assim nesta beira de mundo, mesmo para as santas e nobres freiras clarissas que vieram de Évora, no ano de mil seiscentos e setenta e sete, para aqui fundarem, na cidade de São Salvador, o primeiro mosteiro de monjas com votos solenes a santificar estas terras, sendo todas elas de boa estirpe e professoras de véu preto. Depois de viverem por anos no convento do Desterro, quando se lhes gastaram os trajes trazidos nas arcas do enxoval dado por El Rei para que cruzassem o oceano, já não podiam sequer apresentar-se no coro e menos ainda no parlatório por falta de hábito com que se vestir. Enquanto isso, iam e vinham as cartas da Bahia a Lisboa e de lá para cá, em controvérsias sem fim sobre a matéria, sem que nem a Abadessa do Desterro, nem os homens-bons do Senado da Câmara da Cidade de São Salvador, nem os senhores Ministros da Mesa de Consciência e Ordens

em Lisboa, nem os benfeitores do Mosteiro de Évora pudessem ou se achassem obrigados a vesti-las, de modo que todas elas, até mesmo a primeira e venerável abadessa, Dona Margarida da Coluna, diz-se terem passado grande parte de seus dias na Bahia trancadas em suas celas, pela indecência que seria andarem elas esfarrapadas, mostrando pelos claustros suas pobres carnes, até que as mandassem de volta ao seu convento de Évora e, creio, se assim não fosse sequer mortalha teriam quando partissem deste Vosso mundo para o dos céus. Que aqui não se podem fiar nem tecer nem coser panos e trajes finos dignos das brancas fidalgas, e tudo se tem de comprar por alto preço do que vem nos barcos de Portugal, em troca do açúcar e do ouro que daqui vão, pois Vós mesma confirmastes as proibições que a Coroa manteve, estando sempre atentos Vossos oficiais a descobrir e destruir teares e manufaturas que por aqui se encetam, por razões que decerto fazem algum sentido para Vossa Majestade e Vosso Reino, mas meu fraco juízo não chega a compreender. ~~A única razão que me ocorre para que assim procedais é a de que, se desnudas estiverem as mulheres, mais lesto as emprenharão os machos e mais se multiplicará o número de Vossos súditos reinóis para garantir Vosso domínio sobre estas terras e de mãos para arrancar delas a riqueza que sob elas se esconde, para a glória de Vossa Coroa e de Vossa Igreja, pois até a nossos remotos ouvidos chegam as notícias de quão custoso é para a Coroa manter, como manda a tradição estabelecida por Vossos nobres ancestrais, o fausto e a constante movimentação de Vossa Corte por todo o Reino de modo que por toda a parte se lembrem Vossos súditos de Vosso tremendo poder e que Vossos vários palácios e castelos e terrenos de caça não percam nada da magnitude que lhes transfere a presença da Família Real, com sua riqueza, de sua Corte e dos altos dignitários de Vossa Igreja.~~

Não duvideis, Senhora, nem penseis ser fruto de meu juízo desvairado esta história que Vos conto sobre os trajes das nobres monjas fundadoras do Desterro. Encontrareis tudo isso firmado em papéis e autógrafos e

rubricas e selos e sinetes de todos esses senhores e senhoras, bem guardados no cartulário do convento da Bahia onde, por anos, gastei minha vista copiando registos à luz de velas e toscas candeias. Se um dia o forem verificar no Desterro, só darão falta de alguns fólhos que eu mesma dali furtei e que hoje me servem para escrever-Vos como Vós mesma podereis ver. Por certo, porém, idênticos papéis em muitas cópias deverão achar-se nos Vossos arquivos ultramarinos em Lisboa, pois para lá se destinavam ou de lá vinham. Bem sabeis com que escrúpulos se copiam e recopiam os papéis nesses Vossos reinos, para que não restem dúvidas sobre quem neles tem o poder, para que se possam comodamente alimentar, abrigar e vestir às Vossas custas a milhares de copistas, escrevães, amanuenses e notários e para que se percam e se confundam os espíões ao se aventurarem nos labirintos de Vossos escaninhos, mais bem guardados por Vossos funcionários do que o seriam pelo touro de Creta — por certo para que não haja perigo de que lhes desvendem os segredos e lhes tomem a propina — e nos quais nenhum Teseu poderá encontrar-se, pois o fio de Ariadne ali haveria de enlear-se para sempre. E para que também vivesse, devo confessar, por puro atrevimento e por meio de muitos perigos, esta Vossa serva que lê e escreve contra todas as regras deste mundo e contra todos os ditames da Fortuna e, à custa de copiar tais documentos por noites a fio, podia arrancar alguns preciosos tostões à monja cartorária do Desterro.

É, pois, furtado todo papel em que Vos escrevo ou escreverei, pois que de outro modo uma pobre mulher, sem família, nem renda, nem destino, não poderia obter cousa tão preciosa como estas folhas que escondi na minha enxerga e não hei de desperdiçar ao preço de não mais poder-Vos escrever. Agora, embora continuem a dizer, numa de suas faces, as mentiras que brotam das penas dos escrevães, haverão de estampar no verso a verdade que minha alma já não pode calar. Há muitos anos comecei a furtar e juntar maços de papel que abundavam nos arquivos do Convento do Desterro, quando era ainda pouco mais

que uma criança e ali servia à minha senhora, Blandina de Castro e Freitas, em religião Sórora Blandina das Sete Chagas de Cristo, também ela apenas uma menina, monja de véu preto naquele mosteiro onde a meteu à força o próprio pai. Para que me serviria esse papel não o saberia dizer naquele tempo, mas, para quem nada possuía senão ideias e dores, qualquer bem material era um tesouro e pouco a pouco eu substituía por papel quase toda a palha de meu enxergão.

Terão sido as Virgens Prudentes, minhas protetoras, que me guiaram nesses atos, Senhora, pois nada mais me restou senão o papel em que Vos escrevo e a pouca tinta que trato de fazer durar diluindo-a com água, que em alimentos e mezinhas para minha senhora Blandina gastaram-se todas as moedas, centenas, talvez milhares de cruzados que ganhei com o trabalho feito às escondidas para a monja secretária do Desterro. Aquela senhora, Dona Adélia d'Ávila, em religião Sórora Adélia de Santa Adélia, filha de uma das mais poderosas casas da Bahia, proprietária dessa posição, dela só aproveitava o prestígio, já que nada mais poderia ganhar, por ser incapaz de decifrar escritos e ainda mais incapaz de copiá-los em bom estilo. Para não perder a distinção conferida pelo cargo, porém, que a seu pai muito dinheiro custara, para cumpri-lo em seu nome a mim me pagava em segredo. Noites e noites passei em claro, no silêncio e nas sombras daquela biblioteca, a copiar para os arquivos as cartas e documentos que ali chegavam e dali partiam, para que Dona Adélia luzisse como douta e letrada perante a sociedade da Bahia. E devo confessar, Senhora, que também ganhei com minha escrita outros tostões, de origem vergonhosa, na esperança de que, declarando-Vos até mesmo meus pecados, me torne digna de crédito quanto à verdade de tudo que Vos escrevo. A isso induziu-me o impudente Diogo de Távora, que me trazia versos cheios dos impropérios e indecências que, de há muito tempo, escreviam um certo Gregório de Matos e seus imitadores, ainda então apreciados, quiçá por dizerem grosseiras verdades, e vendidos a bom preço naquela Bahia dita de Todos os Santos, ~~ainda que tão~~

~~poucos o sejam, se é que ali existe algum.~~ De tão raros e proibidos que são aqui os livros e escritos, farto cabedal deve ter ele amealhado com as cópias desses versos obscenos, sigilosamente feitas por mim, vendidas por ele nas tabernas, devolvendo-me apenas alguns punhados de cobre de pouco valor. Ah, Senhora, com que facilidade nos deixamos enganar, nós, as mulheres sem astúcia, quando temos o coração cativo de uma boca e de uns olhos falsos!

De tal modo agarrou-me o costume de viver no escuro que, mesmo quando não tinha cópias a fazer, ali entre os papéis e livros me metia pelas noites adentro, a ler tudo o que me inspirava a fantasia e me permitiam os restos de vela roubados dos altares ou mesmo algumas brasas vivas que trazia do fogão numa concha de ferro. Aprendi assim a criar dentro de mim mesma lugares de uma vida livre, protegida pelas trevas, da qual ninguém mais podia suspeitar. Confesso-Vos, Majestade, li todos os livros proibidos que ali vinham parar como parte importante do dote de alguma monja, não para serem folheados pelas religiosas, mas apenas para que deles lançasse mão a Madre Ecônoma, quando faltassem ao convento os bens pecuniários, já que nesta terra valem como joias, apenas para agradar à vaidade de senhores incultos desta colônia, na qual Vossa Majestade, como Vossos antepassados, decerto prudentemente, não permitis que se escrevam nem se imprimam livros. Li-os todos, muitas dezenas deles, em língua portuguesa, castellana ou latina, que de todas elas eu tinha conhecimento recebido do padre-mestre do Engenho Paraíso, onde me criei. Disso talvez se tenha feito a minha loucura, pois, segundo me dizem, nenhum espírito de mulher, salvo decerto as de linhagem real como Vós, é capaz de suportar o peso do saber.

Sempre duvidei, porém, Senhora, de ter tão fraco espírito, pois, se assim fosse, como poderia eu suportar, por anos, as noites em vigília e os dias a servir incansavelmente à minha Dona Blandina, que sofria sem alívio em seu corpo e em sua alma, deixando-se morrer cada dia por suas imensas dores de amor, desde o desaparecimento do autor de sua

desgraça e da minha, o belo e mau Diogo Lourenço de Távora, que se diz bastardo de uma infeliz família acusada, injustamente, pelo Marquês de Pombal, de tentar o regicídio contra Dom José I, Vosso Pai — ~~que cometia ele próprio, diariamente, tal tentativa de regicídio contra si mesmo, já que a ninguém escondia suas desvergonhas amorosas, como parece ser o privilégio dos reis, metendo-se quando queria na cama da própria cunhada de Diogo, irmã e nora dos Marqueses de Távora, e que por ela ou por outras abandonava suas tendas reais nas aforas da cidade e passeava-se sem guardas pelas mais escusas ruas de Lisboa, às altas horas da noite, expondo-se ao assalto de qualquer bandoleiro que se escondesse por entre os escombros que ainda restavam do terremoto e dos incêndios que mataram tantos pobres, mas por artes de anjos, bons ou maus, pouparam a Realeza e sua Corte.~~

Foi com relatos pungentes a brotar-lhe em jorros da boca perfumada a cravo-da-índia que Diogo Lourenço nos comoveu e seduziu, contando-nos, entre lágrimas, seus sofrimentos de menino bastardo, rejeito de uma grande família, obrigado a servir a seus próprios irmãos aos quais aprazia fazerem dele alvo de suas facécias, usá-lo como seu joguete, pô-lo a correr a quatro patas, como um cãozinho, para trazer-lhes de volta um bastão ou uma pelota, a competir com os verdadeiros cães, obrigado a ouvir sem protestos chamarem rameira à sua pobre mãe.

Sei, porém, que Vossa Generosidade desejou resgatar do opróbrio o nome dessa família dos Távora, embora não lhes possa devolver a vida antes ceifada, e perdoou os demais condenados naquele caso, abrindo as portas dos cárceres, permitindo que retornassem de seu degredo nas Índias ou em África, segundo ouvi dizer há poucos dias, numa tarde em que servia no parlatório a algumas visitas recém-chegadas da Corte. Foi o conhecimento dessa Vossa bondade que me incitou a escrever-Vos para que, sabendo como sofrem as mulheres encerradas à força nos conventos desta colônia usados como calabouços para elas em razão de crimes que

não cometeram, queirais fazer valer Vosso poder para salvá-las. Por isso é que Vos conto tudo o que tenho visto, ouvido e sofrido em minha própria carne, esforçando-me sempre inutilmente por remediar o mal que nos fazem.

Ah, Senhora, tratei sem descanso de minha Blandina, a quem, embora eu fosse pouco mais que uma escrava, amava como à irmã de sangue que nunca tive. Tratei-a com todos os cuidados a meu alcance, mas nada pude fazer para salvá-la, pois era ele, o bastardo, o único remédio que lhe servia. E ele se fora sem dizer para onde. Gastava eu, até o fim, todo o dinheiro que podia ganhar com meu trabalho de escrivã e com a venda, no incessante mercado que reinava nos corredores daquele convento, do que restava das poucas joias, das boas roupas brancas de puro linho, herdadas por Dona Blandina de sua avó, de uma imagem preciosa do Menino Jesus que ela possuía desde seu batismo e até de pequenas cousas que a caridade me fez furtar do mosteiro e vender nas ruas, em busca de quem soubesse onde encontrá-lo. A última notícia que tivemos dele, porém, foi de que se fora para o reino de Hermera, na ilha do Timor, de que tanto nos falava, lugar muito remoto, do outro lado do mundo, por onde andam também os portugueses, e nem minha senhora nem eu podíamos adivinhar onde ficava.

Eu pobre sempre fui, mas minha senhora Blandina por ele empobreceu inteiramente porque o pai dela, por ódio ao mal que sua filha deixou Diogo fazer-lhe, pagou um alto dote necessário para metê-la no Desterro, deu-lhe duas velhas escravas, sua mãe de leite Engrácia e a honrosa Bernarda, de pouco valor no mercado mas que nos queriam bem, e esqueceu-se dela. Nunca permitiu que ninguém de sua família a fosse ver na grade nem lhe enviasse alguns míseros réis, algum mimo ou vitualha. Se eu mesma não tivesse fugido do engenho para vir servi-la, não tivesse meu saber das letras para trabalhar por ela, teria de viver das papas de milho e das mandiocas e inhames cozidos que eram tudo o que vinha da cozinha do mosteiro.

Pode causar-Vos pasmo, Senhora, que um mosteiro no qual estão as filhas, algumas vezes todas elas, das mais poderosas e ricas famílias da Bahia seja tão mesquinho nas refeições que oferece ao comum de sua população. Na verdade, não é assim que comem as monjas nem mesmo suas servas e escravas, para as quais sempre fica algum sobejo dos pratos das senhoras, porque as demais famílias, certamente por remorso de lá haverem encarcerado suas filhas, a maioria delas sem nenhuma inclinação para o claustro, enviam-lhes regularmente fartos mantimentos ou o dinheiro para comprá-los, não só para sua manutenção cotidiana mas até para as merendas que se servem no parlatório e as festas que aí se realizam, como as de Carnaval, as mais famosas da Bahia. As rendas do próprio convento, advindas dos dotes das freiras, e outras rendas que chegam às mãos delas como fruto dos patrimônios que a casa foi acumulando — pela generosidade real, ou por legado de pecadores empenhados em salvar suas próprias almas à custa das orações das monjas, ainda que cantadas em mau latim — são quase inteiramente empregadas para a glória de Deus, em espórtulas de missas, estipêndios para famosos pregadores e capelães — para atrair de longe as grandes famílias, encher o templo, consolar as encarceradas e justificar-lhes a vaidade — e gastas em incensos e flores e ricos adornos dignos da santidade da capela, das celas das monjas e de todos os espaços daquela vasta morada, já que são essas as provas da superior qualidade dos senhores fidalgos destas terras e as formas usuais de lembrar a todos o seu justo poder, ~~ainda que não sejam justas as ações que desse poder emanam.~~

Deve causar-Vos orgulho a riqueza e fausto daquele Vosso mosteiro e certamente alegrar-se-iam Vossos olhos se pudessem ver, junto à porta de entrada do coro baixo da igreja, a comovente imagem do Senhor dos Passos, obra do mais fino escultor, que se diz ter cobrado a fortuna de trinta e seis mil réis, sem contar a paga ao barqueiro para atravessar com

ela a baía de Todos os Santos e levá-la a receber a bênção do Arcebispo. Talvez mais bela e mais rica veríeis a imagem de Nossa Senhora das Dores, num nicho do outro lado dessa entrada, mirando compungida seu Filho sofredor, ou ainda os grandes e belos quadros pintados no teto desse coro para que sobre ele meditem, ou pelo menos se distraiam de suas saudades e melancolia as mulheres ali emparedadas.

Como posso descrever-Vos as riquíssimas imagens de São Francisco, do lado do Evangelho, e a de Santa Clara, do lado da Epístola, enfeitando os flancos da capela-mor, acima dos magníficos painéis de azulejos? Embora os modelos para tais estátuas houvessem escolhido a pobreza como sua senhora, tanto amam essas monjas a Santa Clara que lhe fizeram presente de resplendor, custódia e báculo de prata, para o diário, e outros de ouro, para os dias de grande festa, tal qual elas mesmas, filhas de senhores ricos desta colônia, creem que devem ser adornadas. O que Vos dizer dos ostensórios de ouro lavrado ou do famoso sacrário de prata, que uma santa religiosa mandou fazer em Portugal com seus próprios recursos e esmolas dos fiéis. Espantoso é o requinte das numerosíssimas alfaias do Desterro, abundância de paramentos, coroas, resplendores, cálices, salvas, castiçais, relicários, expostos nos deslumbrantes oratórios a ornar as celas das monjas ~~e que deveriam levá-las à oração permanente, não fossem as mais delas tão levianas e seduzidas pelas cousas deste mundo ou não estivessem elas já enfastiadas de tanto brilho e sempre desgostosas de estarem ali trancadas, tendo como única distração o rivalizar umas com as outras na aparência e riqueza delas mesmas e de seus objetos,~~ e como descrever-Vos as vestimentas bordadas e joias preciosas com que cobrem suas imagens do Menino Jesus, de modo novo revestido a cada ano, para expô-las no parlatório ao tempo do Natal ~~e dissiparem-se~~ diante de toda a sociedade baiana, atraída então às grades do mosteiro.

Certamente nada disso Vos parecerá excessivo, que mereceis e tendes todo o ouro deste mundo, pelo fausto com que sabemos haver vosso avô, o Rei João V, ornado igrejas e conventos e palácios de Vosso Reino, é possível que, se vísseis as riquezas do Desterro na Bahia, não Vos parecessem mais do que adornos da baixa fidalguia provinciana. A mim, porém, não conhecendo antes senão as riquezas do Engenho Paraíso, que eu então passei a perceber como quase miséria, confesso que me espantava e confundia o fausto do convento do Desterro. Creio que se ali entrasse um infiel, vindo de lugar estranho sem ser avisado de que aquela era uma casa santa, feita para se dedicarem as mulheres cristãs à oração e ao sacrifício por mal dos pecados deste mundo, jamais o poderia suspeitar ~~e antes suporia que se tratava de um harém como os dos moiros~~, tais eram o rumor e a aparência de futilidade que se percebiam pelo incessante movimento por todos os seus corredores e esquinas de monjas, servas, escravas e as meninas que estavam a esperar a idade certa para fazerem os votos ou serem negociadas em casamentos úteis às suas famílias — já ali encerradas desde crianças e chamadas de pupilas, destinadas ao claustro ou à dominação de maridos interesseiros muito antes de poderem saber o que desejariam da vida —, e mulheres casadas, ali aprisionadas temporariamente por seus desconfiados maridos quando partiam em viagens ~~ou delas queriam livrar-se para melhor gozar da vida devassa.~~

Com minha fraqueza de espírito, a custo continha eu o riso quando assistia às solenes coroações da Virgem Maria, enquanto avançava para o altar a monja ofertante da mais bela coroa para a Mãe de Deus, ao ouvi-las cantando: “minha Mãe, eu bem quisera/ possuir grandes tesouros/ para dar-te, neste dia,/ uma linda coroa de ouro./ Pobre de mim não posso dar-te/ rubis e nem dar-te tesouros./ Fui ao campo, e eis a coroa/ que urdi com singelas flores”. Ah, Senhora, com que seriedade e inconsciência cantavam, como se nenhuma contradição houvesse em que a coroa que levavam fosse de fato feita em ouro cravejado de rubis. Era

para elas natural, não só que a Deus e aos santos se oferecesse o que de mais belo e rico se pudesse obter, como o viverem elas mesmas cercadas de riquezas ~~por elas consideradas ainda insuficientes para desagravo da vida contrariada que levavam. Sua maior alegria era poder comprar cousas inúteis que as fizessem se sentir mais valiosas umas do que as outras, em eternas contendas por saber qual a mais rica e mais bela.~~ Quase todas as semanas havia algum dia em que os dois lados da grade do parlatório transformavam-se em grande e animado mercado. Compreendeis assim, melhor, o quanto sofria minha senhora Blandina, que nem lhe interessavam essas cousas e por saber notícias de Diogo Lourenço a todas elas malbaratou.

Um dia, veio ao parlatório do convento um algibebe, como sempre os havia, e eu quis lá levar minha senhora, que se lhe desfranzisse o cenho e talvez se distraísse com as bufarinhas vendidas pelo homem. Sendo pobre ela, mais do que eu, quiçá lhe pudesse ofertar algum mimo com os tostões que aquele dia eu ganhara da Madre Cartorária. A maioria das bugigangas oferecidas por esse bufarinheiro em nada se distinguia do que vinha nas arcas de todos eles. Tentei fazer Dona Blandina interessar-se por alguma cousa pela qual eu pudesse pagar, um lenço de holanda, um par de armilas de ouropel, para os tornozelos, um toucado tecido em retrós com a frente de renda capaz de fazer mais alegre minha senhora para apresentar-se à grade do que o ar fúnebre que lhe dava o véu preto recaído diretamente sobre a face pálida, um almeizar franjado que enfeitasse o altazinho de sua cela, um pequeno dossel de gorgorão com borlas de seda que lhe alegrasse a porta ou a janela, tintura de henne para os cabelos, um pano da Costa para adular a escrava, lambujens de açúcar, ou até uma cadelinha que o homem trazia, como possuem quase todas as outras monjas suas cadelinhas de estimação —, que até animais se lhes permite possuir em sua clausura, desde que não sejam machos —, qualquer cousa, enfim, para aliviar-lhe a persistente dor de amor que a prostrava. Ali estivemos, por muito tempo, as outras monjas e suas servas

Creio, Senhora, que naquele momento se me formou a semente da demência, se insanidade houver em mim, pois foi como louca que deixei aquele parlatório, abandonando lá Dona Blandina, corri pelos claustros, passadiços e escadas daquela fortaleza até alçar-me ao miradouro que ultrapassava os telhados e poder aferrar-me às barras duma alta janela aberta para o Oriente, onde me pus a bradar, com todas as minhas forças, insultos, impropérios, lamentos e súplicas, blasfêmias e juras de amor e de ódio, desejando que fossem levadas pelos ventos, ribombando pelos céus, acima das nuvens, até à ilha do Timor e aos ouvidos ingratos de quem me apunhalou este coração a sangrar perpetuamente, como me sangravam naquele dia as mãos feridas pelo áspero ferro das grades.

Não sei o que me haveria sucedido, piedosa Senhora, se não me tivessem agarrado as duas escravas de Dona Blandina. Ao sentir arder meu corpo inteiro, enquanto eu me debatia, bandaram-me a boca para abafar minhas palavras reveladoras de tantos segredos, ataram-me os braços e as pernas para dominar-me e carregaram-me até a um catre no canto da cozinha de minha senhora, no plano abaixo de sua cela, onde me amarraram as pernas juntas e os braços abertos em cruz, para que se dissipasse o calor, sofrendo eu paixão e abandono como o próprio Senhor meu Jesus Cristo em seu lenho, e passavam os dias a rezar, por turnos, para pedir a graça da minha cura, a oração a São Benedito, o santo mouro, chamado por elas Ossaim, cuja imagem esculpida estava na cozinha de Dona Blandina como em quase todas as cozinhas daquele convento e de tantos engenhos e fazendas.

Tanto quanto eu, deve ter sofrido minha pobre irmã Blandina, por dias e noites, ao ouvir meus gritos e gemidos atravessarem a abertura por onde desciam e subiam, com cordas e roldanas, as bandejas de suas refeições. Às outras monjas e à Abadessa, as escravas disseram não serem meus gritos mais do que delírios causados pela febre e, envolvendo-me sempre em panos molhados, cuidaram-me por vários dias até arrefecer-se aquele fogo de paixão e eu arribar-me.

Dada como criminosa e lunática, muitos anos passei aqui trancada nesta cela, cuja porta jamais se abria nem de noite nem de dia, sem ver a ninguém, sem ouvir quase nunca uma palavra a mim dirigida, porque era surda e muda a escrava que me mandavam trazer água e comida e retirar as águas servidas e meus poucos excrementos por uma pequena abertura de menos de um palmo de altura, recortada na madeira grossa da porta, bem junto ao chão. De nada me servia chamar, implorar e clamar. Ninguém havia para ouvir-me ou então faziam ouvidos moucos. Tão pouca era a água que me davam que mal me alcançava para beber e o mau odor que exalavam as feridas e a sujeira de meu corpo e de tudo à minha volta era tanto que afastava prontamente de minha porta qualquer passante.

Só não soçobrou inteiramente o meu espírito porque minha estreita janela encontra-se em ângulo com uma seteira aberta numa parede da capela, e por ali podia e posso ouvir a cantilena de todas as rezas e ofícios e, quando me favorecem os ventos, até mesmo seguir as palavras dos sermões. Pude assim acompanhar e reconhecer a passagem das semanas, meses e anos, conforme os ciclos litúrgicos, mantendo alguma ordem em meu juízo, e marcá-los na cal da parede com riscos feitos por minhas próprias unhas, que mais nada havia dentro desta cela senão minha enxerga de palha e papel, uma cuia para a água, uma tosca gamela de madeira para a comida e o pequeno balde dos excrementos.

Imaginei, por um momento, que, tendo farto papel em minha enxerga, poderia escrever um pedido de socorro, um bilhete que fosse, e soltá-lo ao vento como fazem os naufragos ao lançar garrafas ao mar, na esperança de chegar a um leitor piedoso. Louca esperança, mas são sempre loucas as esperanças que abroham no espírito de quem, como eu, igual ao naufrago, mais nada tem.

Tentei, Senhora, do modo mais insano, tentei escrever, obter a tinta necessária, e o fiz arranhando meu pulso nas asperezas das paredes até que me ferisse e pudesse colher de meu próprio sangue para usá-lo como

porém, que eu, antes acostumada a tanto trabalhar, me cansasse do ócio e viesse a buscar todos os meios de fazer-me útil e de aliviar também o peso dos trabalhos da pobre cativa que me queria bem.

Revivi e retomei então o intento de escrever a minha história, sem saber ainda a quem enviá-la, que se pudesse comover com meu infortúnio e tivesse o poder de corrigi-lo. Naquele meu vagar à toa pelo labirinto do Recolhimento, nos primeiros dias depois de liberta da infecta cela, acabara por descobrir onde estavam metidos a livraria e o arquivo da casa. Pouquíssimos livros havia de ter aquele pobre Recolhimento, não mais que uma ou duas dezenas, mas para mim seriam como milhares, pela saudade que eu tinha das letras, e tive a esperança de ali conseguir a tinta e as penas de escrever que me faltavam, mas a recolhida que detinha o cargo e a chave era por demais zelosa e a tinha firmemente atada a seu pulso. Ofereci-me então para auxiliá-la sem receber nenhum pagamento, mas apenas um olhar de desprezo recebi em resposta, pois como poderia ela crer que esta sombra de mulher, mísera e maltratada como Job, fosse capaz de ler e escrever?

Pus-me então a ajudar minha negra Basília no cuidado das galinhas e outras aves do Recolhimento, a ver se podia eu mesma arrancar-lhes aos gansos plumas que me servissem, pois eu bem saberia como talhá-las e afiá-las para a escrita. Mas a Basília, por descobrir-me tão branca depois de bem lavada, parecia-lhe não ser esse um trabalho digno de minha pessoa e me queria impedir. Tratei então de fazê-la entender, por trejeitos de imitação e caramunhas, meu especial amor aos animais, preferindo estar com eles do que com os seres humanos porque eram, da criação de Deus Nosso Senhor, os seres mais inocentes, que nem pecado original tinham, ~~incomparavelmente mais inocentes do que os homens, mesmo os que se tomam por santos, que tudo isso eu verdadeiramente pensava e penso~~, e creio ter sido, por isto, capaz de dizê-lo tão bem com meus gestos que a pobre mouca ficou inteiramente convencida e poucos

ruído de livros que caíam e espalhavam-se pelo chão de pedras do claustro. Voltei-me imediatamente, lancei-me ao chão, de joelhos, com o coração fremente de secreta esperança e desonestas intenções, e pus-me a recolhê-los como que para ajudá-la. Agitada e aflita, temendo por certo que a visse a Madre Regente da casa e que a repreendesse, a pobre freira não conseguia reter nos braços os livros que eu lhe entregava, voltando e voltando eles ao chão, e mais se afligia e lançava olhares temerosos para todos os lados, sem cuidar de mim, que então, com cobiça e exaltação, agarrei qualquer um daqueles livros como se uma pepita de ouro fosse, metendo-o escondido sob minhas saias. Não me levantei do chão até que ela partisse em direção a seu aposento, enfim recuperados todos os seus livros, menos um, sem que ela o suspeitasse, satisfeita do que pensava ser minha humilde posição, ajoelhada diante dela como ainda estava.

Lembrando de minha outra padroeira, a Santa Rainha Isabel, com seu pão escondido no avental a transformar-se em rosas, não me sentia pecadora, ou, se o fora pelo furto do livro, já me sabia perdoada por minha Rainha Santa.

Com que alegria, Senhora, corri à minha cela e que desejo tinha, naquela hora, de que ali me trancassem e outra vez me esquecessem, sem quererem saber do que eu fazia ou se vivia ainda!

Era novo o livro, tinha a pele do dorso tão lisa e suave como a de uma criança de colo, nenhuma ruga, nenhum vinco que denunciasse um leitor anterior, um presente que só dos céus me podia haver chegado e por isso não me envergonhava meu gesto. Na coberta de fino couro encarnado, em letras de ouro li Lunário Perpétuo, nome tão belo que me fez estar a mirá-lo por um longo tempo e a cismar no que me poderia dizer. Pouco abaixo, o nome de quem o escrevera, um certo Jerónimo Cortês a quem quis bem desde o primeiro momento como se meu benfeitor, pai, padrinho ou irmão fosse. Tremendo, depois de tantos anos sem tocar nenhum escrito, abri pela primeira vez aquele livro

PARTE 2

1790

~~pela ociosidade, a indolência e a ignorância, aqui metidas à força, igualmente neste arremedo de mosteiro onde agora vivo como nos grandes e nobres conventos que Vossa Majestade protege e que Vossos régios pais e avós, em sua sabedoria, erigiram na Bahia em nome da santidade e para a glória de Deus Nosso Senhor o qual, no entanto, só os estultos não veem que melhor servido estaria se não os houvesse.~~

Encolhi-me então no canto da cela mais afastado da janela, sentada ao chão, apoiada às paredes e, por mais penoso que fosse o contato da pedra fria e úmida e dos rugosos muros, ainda assim sentia-me a mais feliz das mulheres. Tinha a intenção de ali passar toda a noite em vigília, até que o toque do sino chamasse umas, as nobres, para as Laudes e outras, as escravas, as servas e prisioneiras como eu, para o trabalho. Mas este meu velho corpo, que era antes tão forte e expedito para tudo suportar e levar-me a toda parte, já não me leva, tenho eu de levá-lo à custa de gemidos, tornou-se agora, embora descarnado, tão pesado que me é muito difícil carregá-lo, ancora-me à terra e às exigências da matéria, embora minha alma deseje ardentemente levantar voo. Venceu-me, porém, o sono, no canto da parede, abraçada ao Lunário Perpétuo dentro do qual tinha dobrada a primeira parte desta carta, com a vela ainda acesa. Enquanto eu dormia, prostrada pela fadiga extrema, levantou-se do mar uma tão grande tempestade e ventania que não só apagou a vela como trouxe a chuva em grandes rajadas para dentro do meu cubículo, encharcando o meu catre, que sempre está junto à janela para receber alguma aragem e aliviar-me do calor infernal das noites desta terra. Tão enfraquecida ando das ouças e de tudo o mais, Senhora, que nem o vento, nem os respingos da chuva que até a mim chegavam, nem os relâmpagos e o ribombar do trovão me puderam despertar. Para minha desdita, não vi que todas as folhas do papel, que a tanto custo eu havia adquirido, por inspiração dos Santos e de Maria Minha Mãe Santíssima, ainda antes de saber o quanto me seriam necessárias, e por tantos anos guardadas misturadas à pouca palha da minha enxerga, desmanchavam-se em pasta imprestável. Oh,

gritos e gemidos que atravessavam até mesmo as paredes de pedra, outras vezes mergulhada em profunda prostração e alheamento. Chamavam-me lunática, como antes, e fizeram vir para examinar-me um charlatão que se apresentava como médico, tão feio, sujo e malcheiroso que, ao vê-lo aproximar-se, acreditei ser um verdugo que vinha para levar-me deste inferno provisório ao eterno ou não sei aonde, e fugi aos gritos, tão desvairada que se me rasgou a roupa e se me quebraram os tamancos. Só não me encerraram novamente como bicho numa jaula porque minha boa Basília agarrou-me e escondeu-me na senzala, deitando-me numa rede de carijó escondida por trás de um monte de palha de milho, tratando-me com suas mezinhas e simpatias por muitas semanas, regulando-as conforme as luas, alimentando-me com sua própria comida que, por mim, deixava de comer, e com caldo de galinhas furtadas da capoeira do convento e preparado por ela, à noite, no mato, vestindo-me e calçando-me de novo, dando-me uma nova enxerga onde deitar-me, tudo pobres arranjos que seu generoso coração, sua mente simples e suas mãos rudes eram capazes de engendrar e fabricar, em total segredo pela sua mudez.

Tenho ainda hoje comigo meu Lunário Perpétuo e as primeiras páginas desta carta que Vos escrevia até então porque minha santa Basília recolheu-os de minha cela, embrulhou-os em grosseira aniagem, tecida por ela mesma, e os levou todo o tempo atados por um cordel à sua cintura, por baixo de seu miserável balandrau, não porque compreendesse o que era aquilo ou a utilidade que tinha, mas porque acreditasse tratar-se de objetos mágicos, algum feitiço que nos pudesse salvar, a mim e a ela própria, se viessem a descobrir os delitos que ela cometia por amor de mim.

Por fim, esqueceram-me outra vez e à minha loucura, mas se Basília assim acalmou meus desvarios, não foi capaz de fazer-me desistir da busca desesperada pelo papel para escrever-Vos.

tinha eu a certeza de que aquela chave abriria, já que, em casas pobres como esta, as chaves são todas grosseiras e iguais, obras de artesãos sem grande arte, e abrem quaisquer fechaduras, se as houver. Era necessária luz para aventurar-me além daquela grossa porta, pois, nunca havendo ali entrado e nada conhecendo, impossível me seria percorrer seus recantos guiada pela memória e o tato, sem abalroar-me contra alguma arca, sem nada derrubar, de modo a não ser ouvida, descoberta e castigada.

Pedi a Basília um trapo de pano, o mais gasto que encontrasse, e ela mo deu, sem fazer-me perguntas, que não as pode fazer por haverem-lhe, ainda criança em sua terra de África, cortado a língua que tinha de nascença partida em duas, como as das víboras, e lhe tiveram medo seus parentes, como foi capaz de contar-me com seus grunhidos, caretas e pantomima. Deu-me dois palmos quadrados de algodão tão gasto que, como se de gaze fosse, ao levantá-lo frente à janela podia-se ver perfeitamente o dia através dele.

Por astúcia, induzi as escravas da cozinha a servirem às Recolhidas, no jantar daquela tarde, uma forte infusão da erva aqui existente por toda parte, chamada por uns capim-santo, por outros capim-de-cheiro, cujos perfume e santidade muito lhes agradam, mormente à Madre Regente, e mais profundamente as faz dormir. Assim o fizeram e, logo de encher seus buchos com a costumeira papa de milho e raízes de mandioca temperadas com sal e pimenta ou adoçadas com o escuro mel dos engenhos de cana, viam-se todas a cabecear de sono, ainda em meio às orações das Completas, recolhendo-se cedo a seus leitos, menos eu, que da cana-santa não bebi, e quando desapareceu todo resto da luz do Sol já elas haviam desaparecido sob suas colchas.

Saí eu, então, para os matos por detrás do Recolhimento, afastei-me o mais que pude até topar com o alto muro — sem temor algum, que, por causa do bastardo que me desgraçou, fiz-me useira e vezeira de andar pelos baldios, sozinha, no escuro — e pus-me a espreitar e perseguir os caga-lumes, ou pirilampos, como me disseram chamarem-se belamente

PARTE 3

1791

Ao extinguir-se a tempestade, já em ponto bastante próximo a uma ilha em cujas rochas por pouco não se abalroara a embarcação, esgotaram com grande esforço as águas que enchiam os porões e quase afundavam a nau. Encontraram, então, inertes, quase todos os africanos e degredados ali presos, vivos apenas uns poucos que, por graça de nosso Deus ou dos deuses deles, haviam conseguido manter as cabeças acima da linha d'água. Temendo contaminar-se com a exalação pestífera dos cadáveres, os marinheiros e passageiros sobreviventes puseram-se às pressas a lançá-los ao mar, sem sequer examiná-los um a um para verificar se alguma esperança de vida lhes restava. Meu pai, porém, que a tudo assistia da amurada, percebeu que um dos homens atirados ao mar debatia-se em desespero, como que desperto pelo choque com as águas revoltas. Sem mais pensar, movido não pela cobiça senão por sua piedade, que era muita, pois nem a ele nem a seu senhor pertenciam esses escravos, despiu-se, agarrou com os dentes a ponta de uma longa corda e lançou-se ao mar, com grande perigo e coragem, chamando pela Senhora dos Navegantes, chegou até o moribundo, atou-o para que não o levassem os vagalhões e o trouxe de volta ao barco.

Vivo estava o africano, a quem haviam batizado Gregório, tinha porém uma das pernas rota em três partes, por isso o mercador, seu dono, deu-o a seu salvador, pois que como mercadoria já nada valia e não queria mais uma boca inútil a alimentar. Apegou-se então esse negro a meu Pai que o salvou e curou com desvelo e deu-lhe a alforria. Gregório por meu Pai mil vezes teria dado a própria vida, tantas me salvou a minha, e jamais nos abandonou. Nunca foram senhor e escravo, mas irmãos livres e inseparáveis até que, após muitas desgraças, a morte levasse meu Pai e o afeto de Gregório, já velho e mais coxo, ainda forte e sábio porém, tornou-se meu único e exclusivo bem, e minha vida teria sido outra, não fossem as desgraças que teimaram em nos atingir, a mim e ao pobre negro por minha causa.

inesperada dor, fui capaz de levantar-me, escapular a correr e a gritar por socorro, e me ouviram e viram as escravas que se dirigiam ao lajedo à beira do riacho, com a roupa da casa a lavar, levantando elas grande bulha e salvando-me das garras do Diabo enquanto esse se escafedia.

Salvaram-me do malvado, mas não de outras desditas, porque suas línguas soltas fizeram logo saber a toda a gente do engenho que aquele rufião de mim quisera abusar, e entre todos a meu Pai, desatando-lhe uma fúria igual ao magoado e silencioso amor que por mim guardava no fundo de si. Deu-se então nova desgraça, porque meu Pai, sem cuidar de esconder seu ato, perseguiu até ao inferno aquele celerado e, à frente de todos os circundantes, fincou-lhe a espada ao peito, de tal modo enraivecido que num único golpe, veloz e certo, trespassou e sangrou o coração de João Diabo sem lhe deixar nem o tempo de um gemido.

Era crime de morte, visto por testemunhas várias, e nestas terras nunca se pode confiar inteiramente em ninguém, estando muitos dispostos a delatar, por algum punhado de moedas ou favores, mesmo a um homem sabidamente verdadeiro e generoso.

Por amizade e gratidão a meu Pai, que o havia servido e guardado fielmente por tantos anos, o senhor do engenho pagou-lhe todo o devido, deu-lhe cinco mulas, carregadas de víveres e munição, as armas que usava em seu ofício e armou também o Gregório, a açodá-los para que naquela mesma noite partissem pelo meio dos matos para evitar as estradas conhecidas e se metessem pelos sertões o mais longe que pudessem, antes que o acontecimento chegasse aos ouvidos dos oficiais do reino. Pela primeira vez, vi meu Pai com os olhos úmidos de lágrimas, senti suas mãos sobre minha cabeça e minha fronte recebeu o único beijo que jamais me deu.

Foi-se então meu Pai para os sertões. Eu nenhuma ideia poderia ter de quão longínquos eram, imaginando serem apenas as matas cerradas, para além dos engenhos vizinhos, ainda visíveis do mirante sobre a casa, e a ninguém ocorreu explicar-me ser aquela partida para nunca mais!

forças nos dá a aflição, por vezes, Senhora! Ele era grande, musculoso e, inerte, pesava muito, mas fomos capazes de, sem grande dificuldade, logo carregá-lo para a margem e estendê-lo sobre a relva. Blandina pousou-lhe a cabeça no próprio colo, ele de olhos fechados, por angustiosos segundos que pareceram horas, não respirava enquanto ela, sim, arfava de emoção. Creio que ali, naquele momento, nasceu a paixão que um dia haveria de matá-la. Ah, Senhora, se eu pudesse então adivinhar o quanto nos faria sofrer aquele homem, juro que o teria devolvido ao lago para ali consumir-se, se de verdade estivesse mesmo a ponto de morrer, do que eu hoje duvido, depois de conhecer sua arte de enganar para aproveitar-se da inocência alheia.

Sempre mais aflitas estávamos as duas ao tocar seu peito e suas ventas e sentir que não respirava, até que ele se moveu e inspirou um farto sorvo de ar, sem no entanto abrir os olhos, começou a mover-se no colo de minha quase irmã, agarrando-se a ela, como inconsciente, elevando os braços até enlaçar-lhe o pescoço e puxá-la para si de modo que os seios dela lhe chegavam à boca e ali esfregava o rosto como em convulsões. Tentei detê-lo, acalmá-lo, fazê-lo soltar Blandina, mas pareceu-me que ela mesma resistia a minhas tentativas de libertá-la daquele abraço trágico. Nem sei por quanto tempo assim ficaram, até que ele, finalmente, abriu os olhos como se voltasse a si, e pôs-se a fazer-nos perguntas, no mais castiço português sem mais nenhuma mistura de castellano, sobre quem éramos e o que lhe havia acontecido, coisa certamente já sabida por ele, a mostrar-se inocente e surpreso, sem no entanto fazer menção de levantar a cabeça de onde estava bem acomodada. Nós, tolas, acreditamos em tudo o que saía daquela boca bela e mentirosa. Dizia não ter forças para levantar-se, implorava que não o abandonássemos naquele estado e nos burlou por muito tempo, lamentando-se de sua vida desgraçada, do medo da morte se o deixássemos só, até começar a cair a tarde e ouvir-se o sino da capela a chamar para o rosário quando, então, como por milagre, levantou-se, são

camisa de linho aberta ao peito, o cinturão e as botas elegantes que trazia numa bolsa de couro, decerto tudo pensado de antemão para impressionar-nos e perturbar-nos, a nós que pela primeira vez víamos de corpo inteiro a um homem branco desnudo. Causou-nos grande susto e atônitas ficamos, mas ele não parecia notar nossa timidez e assombro, natural e lentamente tomou todo o tempo que lhe aprouve até cobrir-se decentemente, como se nos quisesse seduzir com suas formas e deixar-nos desvairadas à sua mercê, embora nem nos dirigisse diretamente a mirada e aparentasse não nos ver.

Tão enfeitiçadas estávamos que nem pudemos, naquele momento, nos dar conta de que nenhum de seus pertences estava molhado das águas do açude, nem trazia ele sinal visível da enfermidade mortal do dia anterior. Tudo aquilo era por certo encenação muito bem imaginada e preparada para nos cativar e comprometer, como agora percebo com clareza, mas não naquele momento de assombro e extrema curiosidade. Corado, são e descuidado se mostrava e, com gestos bem medidos e estudados, exhibia-nos suas formas e força, sua beleza e os atributos da macheza que jamais ninguém nos deixara ver com tal despudor. Paralisadas pelo espanto e pela vergonha, dele não despegávamos os olhos, ao mesmo tempo assustadas e enfeitiçadas pelo que descobríamos naquele instante e fazia ferverem os sucos e humores que nos corriam pelas entranhas, ~~e decerto mais não é preciso explicar Vos de como em nós despertaram calores e tremores, deveis Vós mesma saber, imagino, pois decerto em algum momento de Vossa vida havei Vos desencaminhado assim da reta senda de Vosso destino superior.~~

Enfim vestido, Diogo Lourenço mais uma vez nos surpreendeu ao sacar de dentro do alforje nada menos que uma viola e só então pareceu dar acordo de nossa presença, fingindo surpresa. Para meu infortúnio, bem de frente encarou-nos e, sem nada dizer, pôs-se a dedilhar as cordas do instrumento, aproximando-se lentamente a cantar requintadas cantigas de amor com voz grave, lindamente modulada, que me

sede não morrerem, e acabaram por dar a uma ilha de onde, em longas peripécias, lograram voltar às terras de Europa, onde se separaram. Rumou Diogo para Espanha, onde vivia sua mãe em retiro, por castigo, num mosteiro, e seu amigo para França, mantendo-se ambos, porém, ligados por indissolúvel laço de fraternidade e pelas cartas que trocavam quando houvesse correio para levá-las. E assim, um dia, estando Diogo já no Brasil, ainda em Pernambuco, a caminho do engenho de seus parentes nesta terra de enganos, onde os brancos portugueses tornam-se quem eles próprios disserem que são — e sua condição de bastardo não o impediria de apresentar-se como fidalgo —, recebeu uma carta, escrita um ano antes por seu amigo francês, a comunicar-lhe que se encontrava, ele também, em terras de América, numa possessão francesa junto ao extremo norte do Brasil, chamada Guiana, onde Diogo deveria ir encontrá-lo na morada que lhe indicava, atravessando sertões e selvas por mais difícil e longo que fosse o caminho, pois tinha algo de extremamente precioso para dar-lhe em retribuição à sua própria vida salva por ele.

Nosso sedutor teria, então, durante mais de um ano, com sua viola às costas, atravessado milhares de léguas de terras desérticas ou selvas impenetráveis, sobrevivendo do serviço de conduzir manadas de gado, quando encontrava quem o engajasse, alimentando-se apenas de carne-seca, farinha feita da mandioca e pedaços de açúcar mascavo pelos caminhos das terras áridas, ou de frutos silvestres e caça ao atravessar sozinho infindáveis selvas, armado apenas com um punhal, uma espada e um arco com flechas que lhe deram uns gentios em troca de um copo de metal, por dias e dias a tremer e delirar, atacado por febres terças que o deixavam extremamente enfraquecido. Como por milagre, prosseguiu até chegar à capitania do Grão-Pará, a uma vila de nome Vigia, à margem de um curso d'água chamado Furo da Laura, nome tão curioso que nunca o esqueci, e cercado de Tobajaras. Ali, incapaz de prosseguir, por tão fraco e doente, depois de dias de abandono, vivendo sob o portal da igreja a

ou amamentando novos cristãos para o engrandecimento do Reino de Deus e de sua Igreja.

A mim a fábula agradou mais do que o sabor do café, mas Blandina dizia que lhe fazia bem e o apreciava, de modo que o sedutor continuou a repetir quase todas as tardes a mesma manobra, muitas vezes cantando com sua viola enquanto a água fervia e coava-se pelo saco contendo o pó. Eu por momentos me afastava, distraída a buscar alguma flor ou passarinho, mas Blandina lá ficava à espera do café que dizia agradar-lhe e tornar-se cada dia mais doce ao seu paladar. Hoje penso que o enganador, à socapa, ia acrescentando pouco a pouco doses de açúcar à bebida amarga, para habituar Blandina, com intenções que só muito mais tarde pude perceber.

Blandina já não se vestia com trajes de salão, pois lhe dissera Diogo que muito mais bela a via com as simples e leves batas de algodão e rendas. Assim, voltávamos à reza e à casa sempre no último momento e menos aflitas, trazendo flores para depor aos pés da santa, sem levantar suspeitas de ninguém.

Ao recolher-nos para dormir, porém, minha querida irmã já não adormecia antes de mim, como de costume quando eu, sentindo-me responsável por seu bem-estar, esperava ouvi-la rressonar para então embalar meu próprio sono. Gemia e suspirava ela, ouvia eu rangerem as palhas de seu colchão quando se movia inquieta de um lado para o outro, até que o cansaço me vencesse e eu me entregasse ao sono antes dela. Blandina podia, se quisesse, permanecer no leito até horas de sol alto, mas de mim se exigia que logo ao nascer do dia me apresentasse à cozinha, a preparar as bandejas para a primeira refeição das sinhazinhas, escolher as roupas limpas e as toalhas para seu asseio, aprender os afazeres de aia a que me destinavam. Uma noite maldormida deixava-me exausta pelo dia inteiro e então, vendo que a minha Blandina não voltaria tão cedo a ser a dócil menina que fora e não me deixaria dormir em paz, passei a tomar todas as noites uma forte infusão de capim-santo, melissa

trazendo uma carta para Blandina, insistindo em que só tinha ordens para entregá-la nas próprias mãos dela. Eu, naquele momento a fazer minha sesta na senzala, onde havia pendurado minha rede desde que a Sinhazinha me expulsara de seu quarto, de nada soube. A escrava que o recebeu foi chamar Blandina. Em grande agitação, por certo de esperança, ela então deixou seu retiro, correu a atendê-lo e logo me mandou chamar.

Acudi prontamente ao seu quarto, encontrei-a corada, em grande aflição, a tentar vestir-se com sua mais bela bata rendada que já não lhe servia. Estendeu-me, entre lágrimas e soluços, a carta recebida, assinada por Diogo Lourenço, a pedir-lhe que o fosse encontrar de imediato, pois estava à sua espera à margem do açude. Não houve palavras nem gestos meus capazes de acalmá-la e dissuadi-la e, por mais que eu argumentasse, tornava-se cada vez mais desesperada, rasgando suas vestes, uma após a outra, na tentativa de fazer seu corpo entrar onde já não mais cabia, e eu temia que saísse inteiramente nua a correr pelos campos. Para que seus gritos não alertassem a Sinhá e toda a gente do engenho, prometi-lhe trazer logo algo que pudesse vestir e corri a pedir que Engrácia me conseguisse uma veste de uma das escravas mais gordas. Ela então correu à senzala e de lá trouxe uma bela e larga bata, como a muito custo produzem as negras em segredo para trajar-se dignamente em seus festejos e batuques nos dias de festa de seus santos preferidos. Sabia eu quão grande prova de amor e bondade era ceder cousa tão preciosa à filha do senhor que as escravizava e lhes esgotava a vida sem piedade! Consolei-me dizendo que Deus estava a ver o bem que elas faziam e lhes haveria de retribuir em dobro!

Ajudei Blandina a banhar-se, perfumar-se, refazer as tranças de seus cabelos e vestir-se, notando, porém, que agora em quase nada se parecia à encantadora donzela que fora nos tempos de ~~nosso~~ seu enamoramento pelo malvado bastardo. Nada mais estava ao meu alcance para ajudá-la senão acompanhá-la e ampará-la em sua arfante e difícil jornada pelos